

13

I. A decadência da Nobreza Condal

15

A nobreza condal e a corte leonesa

17

...as comunidades existentes na Galécia, numerosas ou escassas, prolongaram, durante a maior parte do século VIII, uma situação de independência que vinha restaurar a efectiva autonomia gozada sob o regime suevo entre 410 e 585 e que talvez se tivesse ainda mantido sob outra forma, isto é, sob a ocupação de tropas visigóticas com pouca ligação a uma monarquia progressivamente mais débil, durante todo o século VII.

Estes factos permitem compreender que os condes colocados pelo rei de Oviedo no Norte de Portugal, durante a segunda metade do século IX, isto é, a partir do "repovoamento" do Porto (868), tenham acabado por assumir eles próprios uma posição de semi-autonomia para com a corte leonesa.

Descrição das tendências autonomistas desta região da Península nos séculos IX e X.

...É evidente que não são sempre as mesmas famílias, nem pelas mesmas razões que contestam a autoridade régia. Mas a rápida enumeração aqui feita mostra claramente como a Galiza e o Norte de Portugal eram regiões onde os condes estavam habituados a tomar as armas na mão por sua conta e (/18) risco e a resolverem os seus próprios problemas, mesmo em oposição ao rei.

...estas manifestações surgem por iniciativas individuais, descontínuas, desconexas, sem qualquer carácter colectivo. Tal como nos povos primitivos, o que conta é a acção do caudilho militar e as solidariedades pessoais ou familiares em que se apoia.

19

...Em resumo, a história das revoltas e actos de independência dos condes galegos e portugueses significa muito mais o desenrolar das contradições de uma classe dominante constituída por caudilhos dispersos e semi-independentes do que a forças profundas de carácter nacional ou mesmo pré-nacional.

20

As principais famílias

24

...ao tentar obter uma panorâmica deste conjunto de nobres, torna-se muito nítido o relevo das cinco primeiras famílias indicadas. São as aparentadas mais de perto com os condes de Portucale e de Coimbra. É este grupo aquele que podemos considerar propriamente como a "nobreza condal", reconhecendo embora que entre e estratos (/25) inferiores da aristocracia nortenha dos séculos X e XI, pudesse ter havido vários elos de diferente natureza, de tal modo que o conjunto se possa considerar como um continuum constituído por elementos que vão desde a pequena nobreza local, com fortuna e poderes reduzidos, até aos senhores incontestados que gozam dos mais altos postos políticos e administrativos depois do rei.

As características internas da nobreza condal

Para além dos postos políticos e administrativos que ocupa, o grupo caracteriza-se igualmente pelos laços de parentesco.

26

...A estratégia matrimonial destas famílias não tem, porém, como objectivo único assegurar a sucessão de tão altos cargos, mas também garantir as relações sociais com famílias do mesmo nível.

28

Governo esporádico dos condados de Portucale e de Coimbra por parte de mulheres ou menores por motivo de morte do filho varão durante todo o século XI.

Acidentes da transmissão unilinear como obstáculo à difusão do exemplo condal e régio e à sua aplicação à sucessão dos grandes centros dominiais .

...Mas as transferências de ramos de uma região para outra são também numerosas e mostram claramente a repartição da herança por todos ou pela maioria dos filhos . Mesmo as filhas que não casam recebem também porções importantes

A conjugação destes elementos leva, portanto, a pensar mais numa estrutura cognática do que agnática da família, mais bilinear do que unilinear, mais horizontal do que (/29) vertical, e portanto a reduzir a importância da sucessão dos grandes condados na estruturação do parentesco.

30

A decadência da nobreza condal

...Durante os anos seguintes (séc. XI) , porém, o conde de Portucale parece cada vez mais isolado, como se tivesse deixado de ser chefe de um grupo horizontal para se tornar um chefe de linhagem. Desde este momento, era mais difícil substituí-lo na ausência de sucessor adulto. O desempenho da autoridade por mulheres (pelas viúvas dos falecidos) e não pelos seus irmãos, faz supor que estas deixam de representar meros elementos de aliança entre famílias, para assumirem um papel pessoal, e que este fosse determinado pela sua íntima ligação ao falecido e ao seu sucessor ainda menor, quer dizer pelo facto de contribuírem com o seu sangue para garantirem a sucessão .

33

Decadência acentuada do poder dos condes de Portucale na segunda metade do século XI.

37

II. A Ascensão dos Infanções Magnates e outras categorias da aristocracia

39

...Assim, se a aristocracia portugalense começou a constituir-se desde esta época (Afonso III) , como parece evidente, as suas origens são muito nebulosas. Podemos, em todo o caso admitir que, inicialmente, não se reduziu apenas aos condes e aos chefes que deles dependiam mais directamente: existiam também senhores autónomos, quer tivessem vindo do Norte, quer descendessem dos caudilhos autóctones que o "repovoamento" poupou.

45

As grandes famílias de infanções

As principais famílias de infanções que aparecem no território portugalense (condados de Portucale e Coimbra) durante o século XI: Sousaões, Braganções, senhores da Maia, de Baião e de Riba Douro .

89

A "revolução feudal" e o poder dos infanções...

...De qualquer maneira, cria-se, a nível regional e local, uma camada de poderosos que materializam, para as classes inferiores, o exercício dos poderes públicos. É o que se chama em termos muito simplificadores, a fragmentação do Estado. O rei não deixa de representar, para as classes inferiores, a autoridade legítima, mas torna-se para elas uma figura cada vez mais longínqua, e a sua intervenção cada vez mais irreal. Aqueles que o representavam anteriormente, os condes, apareciam, excepto, talvez aos olhos de si próprios, como detentores de uma autoridade da mesma natureza que os senhores locais e cada vez menos como os únicos intermediários legítimos entre o rei e os súbditos.

92

...A partir do fim do século XI, os condes portugalenses de origem borgonesa começam a fazer concessões de cartas de couto a senhores eclesiásticos. A primeira é ao mosteiro de Santo Tirso, por intermédio de um privilégio atribuído a Soeiro Mendes da Maia, em 1097. Antes disso, os casos de exercício do poder senhorial por parte de bispos eram raros. No nosso território só o faziam o arcebispo de Compostela e o abade de Guimarães, este último, de resto, depois da contestação e, finalmente, do sancionamento do rei Afonso V de Leão. Durante os primeiros anos do século XII, ainda as cartas de couto conhecidas são esporádicas. Mas a partir do momento em que D. Teresa tem necessidade de obter o apoio de alguns nobres, favorece-os por meio da concessão da imunidade aos mosteiros que eles patrocinam. Faz o mesmo a alguns bispos cujo apoio ela procura também garantir

95

Poder religioso e simbólico

As primeiras notícias acerca de infanções no território portugalense, procedem das suas relações com mosteiros.

...Bastará recordar que se tratam quase sempre de mosteiros de tipo familiar, isto é, aqueles cuja comunidade era composta primariamente por membros da família fundadora, e normalmente submetidos ao governo dos seus parentes mais próximos. Mas este tipo de mosteiros era combatido vigorosamente pelos mais legítimos representantes das correntes religiosas e pelas autoridades eclesiásticas, isto é, pelos que se reclamavam como continuadores da tradição de S. Frutuoso. ...Apesar de os mosteiros familiares, mais pobres, pequenos e desorganizados, adoptarem também muitas das observâncias da tradição frutuosiana, (/96) eram vistos com maus olhos pelos outros monges e por muitos bispos. Os infanções não podiam, porém, desistir facilmente deste tipo, porque a ligação da família a uma comunidade religiosa constituía um importante sustentáculo do seu prestígio, sobretudo aos olhos da população local de condição inferior. A posição de supremacia que ocupavam, não derivava apenas da força bruta que a posse das armas lhes garantia, mas também da sua familiaridade com o espaço em que se invocavam a divindade e todos os poderes sagrados. Dotar e sustentar uma comunidade religiosa significava estar de bem com as forças benéficas da fertilidade e da prosperidade e ter meios de se proteger contra as ameaças obscuras das potências malignas. Significava também, muito concretamente, poder contar com o auxílio de clérigos capazes de decifrar as mensagens escritas, quer as do Céu, quer as da Terra, conhecedores das leis por que se regiam outrora os Romanos e Visigodos, instruídos nas fórmulas autênticas dos actos notariais, capazes de exibir provas irrefutáveis nos tribunais e nas cortes dos reis. Significava, enfim, a possibilidade de mergulhar na corrente do tempo litúrgico, com as suas festas, jejuns e penitências, rituais, luas e epactas, quer dizer no tempo submetido às forças da ordem, cristã, abençoado, e não apenas no fluir ambíguo das forças cósmicas que só a magia pagã podia tornar propícias, mas à custa não se sabia de que maldições .

98

...a partir de cerca de 1080, quando Afonso VI introduziu os ritos de Cluny em Sahagún e ofereceu algumas comunidades à célebre abadia borgonhesa, logo seguido por vários dos seus próceres, os infanções portugalenses devem também ter querido seguir o movimento, ao contrário do que aconteceu com a nobreza galega, que parece ter resistido ao movimento. As doações de comunidades a Cluny ou às suas dependências foram poucas e deveram-se só ao conde D. Henrique , a D. Teresa e ao bispo D. Maurício Burdino de Coimbra, a partir do ano 1000 .

99

...Com a introdução destes costumes e o contacto com correntes europeias que a adopção do rito romano e a influência da cultura francesa alimentaram igualmente desde 1080, os novos ricos-homens punham-se a par da nobreza peninsular mais esclarecida da época e abriam-se aos horizontes da Cristandade . Este facto deve ter sido muito importante para manterem a sua posição social e para adquirirem dela uma consciência claraSem a consciência da sua própria identidade, seria muito difícil imaginar a capacidade de iniciativa de grupo que os barões portugalenses revelaram na preparação da revolta contra D. Teresa e o conde de Trava em 1128.

Durante o século XII, a situação muda: os mosteiros beneditinos entram lentamente em decadência e deixam de ser os centros mais progressivos da cultura religiosa. ...Pela mesma altura (último quartel do séc. XII) , os nobres, que antes eram tão generosos para com os seus mosteiros, recorrem a eles para obterem empréstimos em dinheiro, por vezes, até bastante avultados.

100

...A perda de dinamismo dos monges negros, todavia, não impede os ricos-homens de desenvolverem a sua própria cultura. Estamos a este respeito muito mal documentados. Referência ao contacto da nobreza portugalense com a épica francesa (La Chanson de Roland) e castelhana (Cantar de mio Cid).

103

Comparação entre as narrativas familiares que contam vitórias dos antepassados (Precisavam mais de recitar a ladainha dos antepassados que lhes davam o direito de continuarem nas suas honras, quintãs e solares, e a maneira como eles tinham vingado a sua honra de ofensas injuriosas) e as histórias das lutas de fronteira contra os Mouros como Cid, o Campeador, os infantes de Lara Os protagonistas destas acções épicas eram, afinal, os excluídos da família. Os herdeiros dos domínios familiares não podiam, evidentemente, criar modelos que só serviam para os filhos segundos, para os "jovens" desenraizados e sem herança. Importância dos trovadores e jograis na preservação de muitas tradições familiares.

104

A sucessão: linhagens e estrutura do parentesco

107

...O regime matrimonial (referência à endogamia e à "circulação de mulheres") , no entanto, não é o fenómeno mais saliente do processo de criação de estruturas características da classe nobre. Aquelle que o define melhor é, provavelmente, a constituição de linhagens .

...Podemos admitir, em termos esquemáticos, que os dois grandes modelos de estrutura do parentesco mais adoptados no Ocidente foram o agnático e unilinear, por um lado, e o cognático e bilinear, por outro. O primeiro está mais associado à civilização romana, o segundo à germânica. Conhecem-se mal os regimes sucessórios dos povos primitivos da Hispânia e da Gália, que podiam eventualmente ser idênticos aos germânicos. Enquanto que o primeiro origina sociedades que põem o acento na sucessão hereditária, o segundo encontra-se nas que preferem a associação de parentes afins da (/108) mesma geração; estas associações podem eventualmente recompor-se em cada geração ou mesmo com mais frequência. Em ambos os casos pode haver endogamia. Mas enquanto que, no primeiro, ela constitui um processo de assegurar melhor a sucessão dos bens numa linha única, no segundo aparece como um meio de estabilizar as alianças. No primeiro caso há exclusão dos filhos segundos, rejeitados para porções secundárias dos domínios, ou completamente impedidos de herdar; para isso, são convidados a ir servir na guerra ou como vassallos de senhores poderosos, são impedidos de casar ou ficam na casa paterna como subordinados do irmão que se tornou chefe da linhagem. No segundo caso, a herança é geralmente partilhada pelos vários filhos, fêmeas e varões, e estes, por sua vez, recebem terras, quer dos pais, quer das mães.

Ideia de que o modelo cognático e bilinear se encontra ainda fortemente presente nos séculos XII e XIV.

109

Em finais do século XII e durante o século XIII, no entanto, tornam-se mais visíveis sinais característicos do modelo linhagístico.

Quanto às filhas, a sua exclusão da herança torna-se manifesta quando se encaminham para a vida religiosa. Segundo os mesmos livros, não são muito frequentes os casos de mulheres nobres que vivem celibatárias no mundo . Mas é provável que nem sejam mencionadas quando esta eventualidade se dá. Para elas, no entanto, seria importante averiguar quando se abandona o sistema de arras , bens dados pelo marido por ocasião das bodas, para adoptar o do dote , que veio a prevalecer. Estes indícios podem significar a superioridade da família que dá a mulher ou da que a recebe, mas podem também ser interpretadas como práticas de uma sociedade que, no primeiro caso, concede uma importância grande à mulher, e no segundo muito menor, o que, por sua vez, pode estar relacionado com os índices de masculinidade. ... Dir-se-ia que as arras , a importância concedida à mulher e o prestígio concedido ao parentesco, mesmo por linha feminina, são características que se encontram frequentemente nas épocas mais recuadas, e que depois vão sendo substituídas por sinais de sentido contrário . Se as razões de ordem demográfica são as determinantes, estes fenómenos teriam como causa comum um aumento do número de mulheres (nas camadas superiores da nobreza) durante os séculos XII e XIII.

...Notemos, porém, que o facto de todas as cinco linhagens que apontámos terem cessado por ausência de varonia, parece confirmar a hipótese acima mencionada Ora este indício, pode-se por sua vez, aproximar do aumento de conventos femininos criados expressamente para receber raparigas nobres, durante a segunda metade do século XII e a primeira do século XIII , primeiro (/110) na ordem beneditina, depois na cisterciense e nas ordens mendicantes.

Tudo isto, portanto, decorre para mostrar a implantação da estrutura linhagística em Portugal, e para datar este facto de meados do século XII .

Referência ao aparecimento dos nomes de família a partir do segundo quartel do século XII.

112

...A alta nobreza não adoptou a sucessão unilinear unicamente por razões económicas A transmissão de um património, uma casa, um solar ou uma honra tinham também um objectivo simbólico: era o sinal visível da autenticidade da tradição reivindicada.

...A estrutura linhagística, porém, estava associada a uma mentalidade um tanto diferente da cognática. Nesta, não parecia haver tanto a transmissão pessoal do poder e da "honra" (no sentido medieval, próximo de "prestígio"), mas a participação nas virtudes e funções dos nobres através da pertença ao grupo . E a posição do grupo não se defendia tanto por meio da posse de bens, mas por meio das linhagens que asseguravam o exercício do poder. A passagem de uma forma de parentesco à outra implica, pois, uma importante mudança de mentalidade . É possível que esta transformação se possa relacionar com o processo de ascensão seguido pelos infanções.

Referência a uma aplicação mais precoce do sistema linhagístico à família real. As partilhas do reino tornam-se cada vez mais raras desde o fim do século XI.

113

Os infanções dos séculos XII e XIII

...permanecem como segunda categoria da nobreza

...A categoria dos infanções aparece como estrato médio, entre a cavalaria e os ricos-homens em textos legislativos desde a época de Afonso III.

114

...Em muitas cantigas trovadorescas, ...a palavra tem um sentido depreciativo: são os nobres de baixa categoria, pobres mesquinhos, provincianos e rudes, por oposição aos nobres da corte, civilizados, generosos e conhecedores das regras do comportamento palaciano.

...Como na época de Gonçalo Trastamires, os infanções opõem-se, portanto, às camadas superiores da nobreza . A nobreza é, pois, desde o século XI, constituída pelos que têm efectivamente o poder e pelos que usufruem de certos privilégios, por terem nascido de outros que já os gozavam. Como vimos, infanções e ricos-homens não são categorias estanques. A condição, para se ser poderoso, é apenas ser filho de infanção. Mas não é fácil passar de um nível para o outro.

115

III. Os Ricos-Homens e a Corte

116

Os dignatários da corte

O mordomo-mor chefe da casa civil do rei) e o alferes (com atribuições militares) constituem os postos máximos da aristocracia.

121

...Revedo as indicações ...sobre os altos dignitários da corte de D. Henrique e de D. Teresa , verificamos que as famílias da região ao norte do Cávado têm nela lugar preponderante. A maioria são parentes próximos, por consanguinidade ou afinidade, de condes galegos, o que mostra, de certo, a preocupação de atribuir tais cargos às famílias mais prestigiadas da época.

131

Os ricos-homens

Descrição dos tipos de tenência das terras e da forma como se sucedem os seus governadores.

145

...Os ricos-homens portugueses, que às vezes chamámos também magnates, constituíam, afinal, uma aristocracia bem modesta quando comparada com tantos senhores feudais do resto da Europa, ou mesmo com muitas famílias condaís de Castela e Leão, para não falar já dos príncipes territoriais da Alemanha.

152

Os grandes senhores eclesiásticos

...completo silêncio dos livros de linhagens (/153) sobre bispos de origem nobre durante o período anterior a 1211, com uma única excepção. ...Ora conhecemos pelo menos mais dois do século XII que teoricamente deveriam figurar também nas linhagens, juntamente com os seus irmãos e, todavia, foram omitidos. ...Sinal de que a existência de um parente elevado à ordem do episcopado não dava, nessa altura, grande prestígio à família? Sinal de que, se havia parentesco, só os bastardos e incapazes seguiam a carreira eclesiástica no clero secular?

A própria personalidade dos bispos da alta nobreza que conhecemos e a importância da sua obra contribui para nos surpreender. Um deles, com efeito, é Paio Mendes , arcebispo de Braga entre os anos 1118 e 1137.... Como se sabe, este arcebispo desempenhou um papel da maior importância na preparação da revolta dos barões portugalenses contra D. Teresa e Fernão Peres de Trava .

158

§Uma ligação mais íntima com os abades, mais desconfiada com os bispos, ou melhor, deixar a camadas inferiores, eventualmente até de não nobres, o recrutamento do alto clero secular, eis, pois, o que se pode, creio eu, concluir da atitude dos ricos-homens do século XII. O que implica também, provavelmente, (/159) um certo distanciamento em relação ao clero secular, mas menos em relação ao monástico. Consequências prolongadas, durante dezenas de anos, do traumatismo provocado pelos conflitos da época gregoriana? Ou estratégia do rei, que, parece apesar das reivindicações gregorianas, continuava a ter uma palavra decisiva nas nomeações episcopais? Ou, pelo contrário, desenvolvimento da independência do clero secular, sob a protecção da Santa Sé e, talvez, sob a égide do arcebispo de Braga, João Peculiar ...?

Os ricos-homens e o rei

Descrição do progressivo afastamento entre o rei e os senhores do Norte.

164

...Podiam eventualmente ter nascido em meios clericais, mas foram recolhidas e conservadas entre os nobres, as tradições referentes ao incesto da mãe de Afonso Henriques , visto que, segundo tais histórias, depois de ela ter casado com Bermudo Peres de Trava, "dom Fernam Pirez, seu irmão, lhe filhou esta rainha dona Tareija , e casou com ela sem Deus e sem direito". Mas a rainha, além de assim se sujeitar vergonhosamente a relações ilícitas com dois irmãos, não parece protestar contra o rapto que, por vingança, Bermudo Peres pratica na pessoa da antiga enteada: "Este dom Vermuu Pirez, veendo esto, casou com a filha do conde dom Henrique e desta rainha dona Tareija , sa mulher, que ele criava em sa casa e havia por nome Tareija Henriquez [aliás Urraca Henriques], e por este pecado foi feito o moesteiro de Sobrado ".

Mãe incestuosa, duas irmãs raptadas, uma por um Trava, outra por um Braganção, infamante derrota quando jovem, soberano que aceita passivamente os insultos sem se vingar, eis a imagem do primeiro rei de Portugal que os livros de linhagens e as tradições dos nobres de Entre Douro e Minho transmitiam, bem pouco conforme, é evidente, com a que os Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra construíram , e a partir da qual se foi desenvolvendo a fama de herói da Cristandade, de abençoado instrumento de Deus para destruir os inimigos da fé e fundar um reino destinado a sublimes missões.

171

IV. Os Cavaleiros e a Reconquista

181

Os cavaleiros do rei

A intensa situação de guerra que Portugal viveu entre cerca de 1085 e 1169 ou até 1217, embora com períodos mais quentes do que outros, deu uma importância fundamental à profissão das armas. Durante o período que vai da conquista de Coimbra, 1064, até às incursões Almorávidas, 1085, a fronteira do Mondego foi defendida, parece, com os próprios recursos regionais e locais.

190

Referências à gesta de D. Afonso Henriques e sua origem.

...É, pois, neste meio, simpático às tradições moçárabes e pouco favorável aos clérigos partidários da intervenção romana, que nasce a gesta de Afonso Henriques :o grupo dos cavaleiros que, sob a direcção deste rei, tinham combatido os Mouros de dia e de noite .

191

...o jogral que criou o poema ou aqueles que o foram adaptando, viviam em contacto com os concelhos, conheciam a sua importância na vida do País, a necessidade de respeitar os seus direitos e de garantir a prática da equidade para com todos os homens, "grandes" ou "pequenos". Discurso bem significativo, que não poderia certamente nascer da mente dos trovadores que umas dezenas de anos mais tarde faziam dos coteifes um alvo predilecto das suas cantigas de escárnio .

192

...Na Gesta , o primeiro rei de Portugal, embora portador de uma maldição, embora colérico e violento, não tem nada de passivo nem de ridículo. O chefe que afronta resolutamente os poderes sagrados do legado papal, que não suporta a mínima hesitação dos eclesiásticos, não parece o mesmo que não se vinga do rapto das irmãs, que aceita sem protestar a apropriação de terras e que deixa sem resposta a ameaça de morte que D. Gonçalo de Sousa lhe teria dirigido . Os textos provinham claramente de outro meio social. Os seus modelos são diferentes. Os seus adversários também.

Os apoios ideológicos

193

...o ideal de cruzada é em Portugal uma corrente de importação e que tarda bastante a penetrar entre nós. Está praticamente ausente antes dos primeiros contactos com os participantes nas expedições à Terra Santa, quer dizer, portanto, antes de 1147.

194

Referência às particularidades da comunidade conimbricense, à sua convivência com mercadores muçulmanos, etc.

...Para os cavaleiros de Coimbra, uma guerra santa contra (/195) todos os Muçulmanos, sem distinção de qualquer espécie para os exterminar a todos em nome da religião, não devia ter grande sentido.

A guerra lucrativa e as comunidades de fronteira...

...Para os seus praticantes, era, sobretudo impensável transformá-la em cruzada.

196

...Para o rei, é claro que a guerra tinha um sentido diferente. A sua posição ímpar no país e as tradições de antagonismo étnico e religioso que ele incarnava, a necessidade de procurar um prestígio crescente e de sustentar actividades administrativas e militares cada vez maiores, e o desejo de controlar os grandes centros produtores nas cidades, ou mesmo uma visão mais vasta da estratégia de defesa, levavam-no a ter maior interesse pelos empreendimentos de conquista.

199

As peregrinações à Terra Santa:

Muitas vezes, a simples visita aos Lugares Santos constituía só por si obra de penitência, e por isso nem sempre estava associada à Guerra Santa. Era nesse espírito que alguns cavaleiros da Península participavam na peregrinação a Jerusalém, ou pensavam nisso, como o conde D. Henrique e Fernão Peres de Trava. Este queria também expiar o provável incesto com a mulher ou concubina do seu próprio irmão, a rainha D. Teresa.

200

Santa Cruz de Coimbra:

...tornou-se, pois, para estes cavaleiros, o centro da sua vida espiritual, um pouco como os mosteiros de usos cluniacenses tinham sido, havia quarenta anos, os centros da vida espiritual dos infanções de Entre Douro e Minho. Mas a vida citadina em que se inseriam regentes e cavaleiros, as tradições locais com menor peso da alta aristocracia, o contraste com os ricos-homens vindos do Norte, imbuídos de velhos ideais de restauração neogótica, criavam em Coimbra um meio cultural bem diferente do dos mosteiros beneditinos. À vida religiosa profundamente centrada numa liturgia solene, em que os ritos, cânticos e alfaias acentuavam (/201) pelo seu brilho e abundância, o mistério da grandeza insondável de Deus e tentavam recriar na terra os esplendores escatológicos dos coros angélicos, opunha-se um agrupamento clerical, que procurava antes reproduzir a vida pobre e caritativa, harmónica e serena dos Apóstolos em Jerusalém, que se preocupava com a prática da hospitalidade e a pastoral na cidade e nos arredores, que difundia através da pregação o ideário do cavaleiro, do pároco citadino e rural e que, em suma, punha mais o acento na moral do que na liturgia.

202

...A rapidez do movimento e a categoria da maior parte dos patronos mostra que um importante motivo da adesão de tantas comunidades ao movimento foi o desejo de uma aristocracia média ou secundária se distinguir da dos ricos-homens que apoiavam os Beneditinos.

...Não foi essa, todavia, a única razão. É provável que o movimento cluniacense dos fins do século XI não tivesse conseguido as simpatias de muitas comunidades sedentárias do Norte, indiferentes a um modo de vida religiosa e litúrgica demasiado dispendiosa e solene, ou até difícil de executar, (/203) e que tivessem preferido conservar os velhos costumes monásticos peninsulares, mesmo quando, sob pressão dos bispos do Norte adoptaram a liturgia romana.

241

Conclusão

246

...O centro político tolerante, longínquo e altamente prestigiado que era o trono de Leão, ocupado por Afonso VI, é substituído por outro, o do conde D. Henrique, fortemente empenhado na guerra, próximo e em contacto directo com a aristocracia local, cujos serviços tinha de utilizar para funções mais vastas. Os infanções que já tinham desenvolvido intensas actividades militares durante meados do século XI, até 1064, voltam a ser chamados às expedições longínquas, agora sob a direcção do Conde e com responsabilidades políticas maiores. Começa a formar-se a nobreza de corte. Nos primeiros tempos ainda com o auxílio, em cargos curiais, de jovens filhos dos mais poderosos infanções, e de parentes dos condes galegos ou nobres de segunda categoria. Depois, com o de membros da mais alta nobreza galega, que tentam, durante o governo de D. Teresa, substituir o conde na direcção da guerra externa, tornada altamente ameaçadora para os territórios meridionais.

Mas os mais poderosos nobres portugueses, que tinham acompanhado com empenho o movimento de recepção da cultura eclesiástica franca, decerto para imitarem o seu modelo, o rei Afonso VI, que, pelos contactos com o monaquismo cluniacense tinham adquirido a consciência de uma posição paralela à dos grandes nobres dos outros reinos peninsulares, (/247) não vêem com bons olhos a intromissão dos Travas, que ameaçavam, a curto prazo, relegá-los para segundo plano da cena nacional. Não tinha sido esse, todavia, o primeiro obstáculo que tiveram de enfrentar. Atrás dos monges cluniacenses ou seus discípulos, tinham vindo os bispos francos que lhes exigiam novo comportamento em matéria de regime matrimonial e de relação com as igrejas que deles dependiam. Este conflito, mesmo atenuado ou arbitrado por D. Henrique e D. Teresa, simpatizantes dos estrangeiros, retirava-lhes já um prestígio religioso que o patronato dos mosteiros lhes tinha antes assegurado e a perda de grande parte do domínio sobre matérias eclesiásticas.

9/18/96